

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

*O jornalista: homem da verdade**

João Paulo II recebeu em audiência, a 28 de fevereiro, uma grande representação de jornalistas italianos e estrangeiros, cerca de mil pessoas entre as quais muitos familiares dos homens de imprensa. O encontro, promovido pela União Católica da Imprensa Italiana do Lácio, foi precedido de uma mesa redonda sobre o tema "À procura de uma nova identidade de jornalista".

Durante a audiência o Santo Padre dirigiu a todos o seguinte discurso:

Senhores Jornalistas

Caros Amigos Jornalistas

1. Estou feliz por esta Audiência, como por todos os encontros com expoentes do mundo jornalístico, que sinto vizinho e aprecio muito.

Vós sois agentes, servidores, artistas da palavra. Desenvolveis papéis importantes e delicados, múltiplos em si mesmos nas suas irradiações. Muitos aspectos do vosso nobre e árduo trabalho vos oferecem particulares oportunidades de cooperar com a missão típica da Igreja, que é a de anunciar a Palavra. Esta singular afinidade explica a atenção que a Igreja teve e tem para convosco. É por isso com sentimentos de estima, de compreensão e de amizade que vos acolho e vos apresento a minha calorosa saudação.

Saúdo antes de tudo os dirigentes da União Católica da Imprensa Italiana do Lácio, e agradeço-lhes terem promovido, como outras vezes no início do ano, a simpática iniciativa que vos tem aqui convocados.

Um especial pensamento dirijo aos familiares que vos acompanham. A vossa grata presença, caros Irmãos e Irmãs, acentua o clima de cordialidade, que repassa o nosso encontro. Obrigado também a vós, por conseguinte, pela vossa participação.

2. A "busca de uma nova identidade do jornalista" é o tema da mesa redonda a que estais agora aplicados, quase como prelúdio deste encontro.

É um problema importante. De certo modo, é problema de sempre. O jornalista que quer exercer com seriedade a sua profissão — qualquer que seja o sector que

(*) Extraído na íntegra do *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, ano XVII, número 11(851), de 16 de março de 1986, p. 1 e 4.

lhe é confiado no vastíssimo campo dos mass-media” — vê-se incessantemente solicitado a uma análise do gênero, para uma tomada de consciência cada vez maior das suas funções e da sua responsabilidade, no mundo contemporâneo.

No nosso tempo tal procura reveste urgências particulares. O jornalismo, de facto, encontra-se no cruzamento dos fenômenos que assinalam as vertiginosas transformações da era planetária. Transformações de mentalidade e de modos de viver, em estreita dependência das acelerações da assim chamada revolução tecnológica, as quais determinam em larga medida as mudanças que todos nós conhecemos na ordem da sociedade e no aspecto da civilização. Surgem exigências e requisitos novos. Ao lado de novos recursos, surgem novas dificuldades.

3. Grandes opções impõem-se. Mas impõe-se previamente uma opção de fundo, que tenha presente a **finalidade originária** do jornalismo digno deste nome: a saber, o serviço da comunicação social, destinada a enriquecer o património cognitivo e formativo individual e a oferecer à comunidade um eficaz instrumento de crescimento civil, espiritual e moral.

O critério, de base, ao qual está conexas a solução dos vários problemas emergentes, não pode ser senão o respeito da verdade. Um respeito absoluto e total, livre de todo o equívoco, alheio a qualquer sofisma. Conjugado, pelo contrário, com aqueles dotes humanos que fazem natural coroa à verdade e compõem a preciosa bagagem da seriedade e da probidade profissional.

Envolvido inevitavelmente no poder e na rapidez dos meios de difusão, tais como a técnica oferece, o jornalista não pode deixar de sentir o peso da própria responsabilidade. Por isso, ele deve ser o **homem da verdade**. A atitude que assume em relação à verdade, qualifica de modo definitivo a sua carta de identidade, antes, a grandeza da sua profissionalidade como agente da informação, em direcção de uma dúplice fidelidade: antes de mais, à própria missão: depois, ao pacto de confiança com aqueles aos quais se dirige o seu serviço.

É preciso ter a coragem e a sinceridade de proclamar abertamente que todas as formas de falsificação e de deformação — cujos clamorosos exemplos infelizmente não faltam — são um verdadeiro e próprio desvirtuamento do jornalismo. As associações e organizações de categoria, de modo especial as católicas, não podem hesitar em tornar ponto qualificante de modo de tratar a problemática corrente.

4. O respeito da verdade requer um empenho sério, um esforço diligente e escrupuloso de pesquisa, de verificação, de avaliação. Sobre este ponto desejaria restringir por um momento o olhar ao horizonte eclesial.

O meu predecessor, João Paulo I — que, como sabeis, tivera uma singular familiaridade com o jornalismo — precisamente nesta Sala, entre as afáveis expressões que ele dirigiu aos representantes dos meios de comunicação social, sublinhou a necessidade de “entrar na perspectiva da Igreja, quando se fala da Igreja”. E acrescentou: “Peço-vos sinceramente, antes, peço-vos que queirais contribuir, também vós, para salvaguardar na sociedade hodierna aquela profunda consideração pelas coisas de Deus e pela misteriosa relação entre Deus e cada um de nós, que constitui a dimensão sagrada da realidade humana” (*Insegnamenti di Giovanni Paolo I, p. 37*).

Este, caros Amigos Jornalistas, é também o meu pedido e o meu convite.

Seguindo, na medida em que é possível, os vossos serviços jornalísticos — que são um dos instrumentos para o meu colóquio com as mais variadas manifestações do pensamento — noto com gratidão o contributo que dais ao conhecimento da realidade eclesial.

Mas nem sempre é assim. Às vezes a “perspectiva da Igreja” é ignorada e deturpada. Ensinaamentos e actividades, em vez de serem passados pelo crivo de uma

serena acribologia, estão submetidos a análises preconcebidas, em que a interpretação subjectiva sacrifica ou anula a informação objectiva. Então a afronta é infligida, antes ainda que à Igreja, à verdade.

Esta observação, portanto, embora se refira à Igreja, estende-se ao inteiro dinamismo da verdade, que abraça todos os valores genuínos. Baste notar que a verdade é a indissolúvel aliada da liberdade de expressão, e por conseguinte o principal coeficiente de progresso em todos os campos do viver humano. Por isso é que os regimes opressores da liberdade criam para o próprio uso e consumo "verdades" que, pelo contrário, são mentiras grosseiras.

Surge, aqui, espontânea, a recordação da heróica figura do sacerdote carmelita Tito Brandsma, que teve a alegria de inserir entre os Beatos. Valoroso jornalista, internado e morto num campo de morte por causa da sua denodada defesa da imprensa católica, ele permanece o mártir da liberdade de expressão contra a tirania da ditadura.

5. Empenhos e responsabilidades peculiares derivam da vocação católica ao jornalismo.

Na férvida época — ainda que não desprovida de dificuldades — que estamos a viver a vinte anos de distância do Concílio e após a recente Assembléia Extraordinária do Sínodo que repropôs orientações e directrizes do Concílio, os meios de comunicação social declaradamente católicos ou de inspiração católica são chamados a desempenhar papéis de profunda incidência, fornecendo notícias e juízos iluminados por verdadeira fé eclesial.

Limito-me a recordar o contributo ao diálogo que a Igreja estabeleceu e está assiduamente a desenvolver em larga escala, que a nível humano como religioso, que no próprio âmbito interno.

Permanecem de viva actualidade os capítulos que a este tema fascinante dedicou Paulo VI na Encíclica "Ecclesiam Suam", nos quais ele confia também à imprensa as suas clarividentes solitudes pelo argumento.

Na circulação do humano discurso, o diálogo "indica, por parte de quem o inicia, um propósito de urbanidade, de estima e de bondade; exclui a condenação apriorística, a polémica ofensiva e habitual, o prurido de falar. Se é certo que não visa a obter sem demoras a conversão do interlocutor, porque lhe respeita a dignidade e liberdade, sempre visa ao bem dele e procura dispô-lo à comunhão mais plena de sentimentos e convicções" (*Ecclesiam Suam*, nº 81).

Estas características qualificam a relação de diálogo intra-eclesial, que deve revigorar a unidade através da voz das legítimas variedades, e formar uma opinião pública cada vez mais consciente e amadurecida. Um diálogo, por isso, "intenso e familiar", "sensível a todas as verdades, a todas as realidades do nosso património doutrinal e espiritual", "pronto a recolher as vozes múltiplas do mundo contemporâneo", "capaz de tornar os católicos homens verdadeiramente bons, homens sábios, homens livres, homens serenos e fortes", como ainda escreveu o meu Predecessor na *Ecclesiam Suam* (n. 117).

Tarefas tão graves e delicadas requerem aquele enriquecimento interior, que o católico deduz de uma constante formação espiritual. Tito Brandsma não teria podido ser o professor, o jornalista, o escritor que foi no turbilhão de um drama terrível, se não tivesse haurido da fonte de uma intensa espiritualidade pessoal.

6. Caros Jornalistas !

Ao término de nosso encontro, deixai que eu vos convide a pôr sempre o realce sobre os aspectos positivos e gratificantes da vossa profissão. A complexidade de

situações e problemas, enquanto incumbem transformações radicais, faz inevitavelmente emergir as dificuldades deste trabalho, já por si mesmo cheio de empenho. Mas as dificuldades não podem desencorajar. Devem antes pôr cada vez mais em evidência o bem que pode circular nos corações e nas várias camadas da convivência humana mediante o vosso trabalho específico.

Vós estais de certo modo entre os qualificados protagonistas de diálogo em áreas mais diversas de actividade e estais entre aqueles que plasmam a opinião pública: assim, afirmei na Mensagem para o próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais, que terá por tema o contributo dos "mass-media" para a formação cristã da opinião pública. Tendes diante de vós objectivos de incalculáveis alcance. Sede orgulhosos disto.

De todo o coração vos desejo todo o melhor êxito no cumprimento dos vossos deveres, enquanto invoco sobre a vossa actividade e sobre as vossas pessoas, bem como "sobre todos os vossos Entes queridos, as mais eleitas graças celestes.

Com a minha Bênção Apostólica.